



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

AS INTERAÇÕES NAS AULAS DE LÍNGUA MATERNA E AS SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM

Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas¹ Eianny Cecília de Abrantes Pontes; Izaías
Serafim de Lima Neto

Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: ap.calado@hotmail.com
Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: proenempombal@gmail.com
Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: izaiasserafimneto@outlook.com

Resumo: O conhecimento é construído a partir das relações estabelecidas com o outro por meio da linguagem e, desse modo, entendemos que a língua, em sua especificidade oral, pode propiciar ao aluno o desenvolvimento de competências que o torne capaz de atuar socialmente pela palavra, apropriando-se de estruturas que o permita, enquanto sujeito de uma sociedade complexa, utilizar a língua nas mais diferentes situações de comunicação e interação. Nesse sentido, este estudo tem o objetivo de discutir, à luz da Sociolinguística Interacional, as práticas interativas nas aulas de língua materna que valorizam a natureza social e interacional da linguagem a partir da fala do aluno e das reações do professor. Uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, realizada em uma escola pública, no município de Pombal – PB, com foco nas relações de interação estabelecidas entre o professor e seus alunos nas aulas de língua materna, fundamentada nos estudos de Koch (2006), Bakhtin (2003), Geraldi (1997), Garcez (2002), Marcuschi (2001), Gumperz (1996), entre outros teóricos preocupados em discutir como as relações se estabelecem e as implicações dessas na constituição dos sujeitos. O estudo indica que, no espaço da sala de aula, a interação pode caracterizar-se como um processo de socialização e aprendizagem dos alunos e que são necessários estímulos diversos para que essas aprendizagens se efetivem.

Palavras-chave: Linguagem. Relações interacionais. Sujeitos sociais.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem é uma forma de interação, uma vez que por ela o homem expressa sentimentos, ideias, conceitos, evolui como ser humano interativo, ensina e aprende em contato com os outros. Nesse sentido, o processo de ensino-aprendizagem integra os indivíduos de uma sociedade, de modo que a interação social intensificada em um ambiente escolar de forma construtiva proporciona o desenvolvimento de cidadãos construtores e conscientes de seus próprios discursos e, conseqüentemente, mentores de suas vozes.

Nessa perspectiva, surgem os estudos empenhados em explicar o processo de ação e interação humana por meio da linguagem, segundo Koch (2006, p.8), “capaz de possibilitar aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos que vão exigir reações semelhantes, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes.” Assim, ganha espaço o trabalho fundamentado nos gêneros textuais, cuja

¹ Participa de dois grupos de pesquisa cadastrados no CNPq: LITERGE (Linguagem, interação e Gêneros Textuais/Discursivos), liderado por Dra. Simone Dália de Gusmão Aranha (UEPB) e Dra. Maria de Lourdes da Silva Leandro (UEPB) e TEOSSENO((Teorias do sentido: discursos e significações), liderado pelo Dr. Linduarte Pereira Rodrigues (UEPB).
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

aplicabilidade em sala de aula contribui para o desenvolvimento tanto da oralidade quanto da escrita. Para Bakhtin (2003), todos os campos da atividade humana, por mais variados que sejam, estão relacionados à utilização da língua, seja de maneira oral ou escrita, o que ressalta a importância da oralidade ser enfatizada na aprendizagem escolar, mesmo sendo algo tão intrínseco à vida das pessoas, principalmente por se caracterizar como uma prática social dos indivíduos. Sobre esse aspecto, Marcuschi (2001) afirma que a oralidade como prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. Ela será sempre a porta de iniciação à racionalidade e fator de identidade social dos indivíduos. Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é, enfim, em ambientes que auxiliam no processo de construção da identidade.

Considerando os pressupostos mencionados, é importante que a escola se configure enquanto instituição preocupada em favorecer condições para os que os indivíduos se constituam como sujeitos capazes de agir, interagir e reagir nas mais diferentes situações sociais, visto que “Toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva.” (BRASIL, 1998, p. 23)

Nesse sentido, este artigo tem o objetivo de analisar, à luz da Sociolinguística Interacional, as práticas interativas nas aulas de língua materna que valorizam a natureza social e interacional da linguagem a partir da fala do aluno e das reações do professor. Uma pesquisa que se insere no rol das pesquisas qualitativas, de cunho etnográfico, que busca, a partir dos dados observados, entender como as interações entre professor e aluno se estabelecem e os espaços ocupados pela oralidade nas aulas de língua materna.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, já que não nos interessa nenhum índice quantitativo, foi realizada numa escola da rede pública municipal no município de Pombal – PB, numa turma de 7º Ano do Ensino Fundamental, com 28 alunos, de idade compreendida entre 13 e 14 anos. A aula selecionada é uma aula de língua portuguesa, cuja professora possui Licenciatura em Letras, com Especialização em Metodologia do Ensino Superior e leciona há 10 anos e que será tratada doravante professora *Márcia*, considerando que não fui autorizada por ela para revelar o seu nome. Foram observadas cinco aulas, durante



duas semanas consecutivas, em que foram desenvolvidas basicamente as mesmas atividades.

A coleta dos dados foi feita a partir de uma observação direta, com prévia autorização da professora, que embora tenha aceitado a permanência da pesquisadora para observação das aulas, não permitiu que fosse feita nenhuma gravação, fotografia ou algo que pudesse registrar em ‘tempo real’ as situações de interação na sala de aula. Também foi proposto um questionário para melhor entender a concepção de linguagem da professora e o modo como as relações de interação entre ela e seus alunos eram estabelecidas, para que se pudesse fazer uma comparação com as situações observadas. Todos os dados obtidos foram analisados à luz dos pressupostos da Sociolinguística Interacional.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL

A sociolinguística interacional se configura como um estudo que se preocupa em dialogar com diferentes vertentes teóricas, como a Linguística, a Sociologia, a Psicologia, entre outras, que tratam das relações entre a linguagem, a sociedade, a cultura e os processos cognitivos. Ganha espaço a partir da década de 80, tendo como representante Gumperz, e se fundamenta sob a égide das relações interpessoais, possibilitando, assim, o estudo do uso da língua a partir das manifestações concretas da linguagem realizadas por indivíduos sócio-históricos e ideologicamente marcados. De acordo com Ribeiro e Garcez (2002, p.28), encontra-se “ancorada na pesquisa qualitativa empírica e interpretativa”, apresentando uma metodologia bastante refinada para a descrição dos fenômenos da interação humana (Bortoni-Ricardo, 2008).

Nessa perspectiva, os estudos sociointeracionistas buscam investigar a forma como os sentidos são construídos nos atos de fala a partir das pistas de contextualização oriundas das atividades nas quais os participantes estão engajados, razão pela qual na sociolinguística interacional o contexto é uma forma de práxis interacionalmente constituída, é conhecimento e situação. Desse modo, Marcuschi (1991) afirma que o processo interacional torna-se parte da realidade social de todo indivíduo e que através desse processo ele adquire e partilha conhecimentos. Infere-se, assim, que são nessas relações que o homem desenvolve estratégias que possibilitam, além da aquisição de conhecimento, maior interação dialógica, através do uso da linguagem não verbal, que auxilia a linguagem verbal expressando a natureza dos discursos produzidos, ou seja, “compartilhar os modos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

de fala faz parte do processo interativo de um grupo.” (Cajal 2001, p. 130).

Tendo em vista esses aspectos, o interesse da Sociolinguística Interacional não é apenas a linguagem verbal ou as pistas linguísticas que se referem ao código linguístico, mas também as intenções comunicativas expressas por elementos paralinguísticos e pelas pistas de natureza não verbal. Para Gumperz (2002), as pistas de contextualização de natureza prosódica ou de natureza não verbal são elementos de grande relevância para se averiguar a interação ocorrida, uma vez que contribuem para a sinalização dos elementos contextuais. “Quando todos os participantes entendem e notam as pistas relevantes, os processos interpretativos são tomados como pressupostos e normalmente têm lugar sem ser percebidos.” (Gumperz 2002, p. 153). Sendo assim, os discursos produzidos numa situação interacional assumem significados diversos, dependendo da intenção e/ou da compreensão do interlocutor.

A Sociolinguística aplicada ao ensino reflete as variações no convívio social, suas alterações e as diferenciações de cada grupo social, mas de forma objetiva, clara. Nessa perspectiva, a escola se configura como um local de formação e informação, sendo fundamental que o aluno tenha condição de ampliar seus conhecimentos sobre a língua, compreendendo seu funcionamento e usando-a de forma eficiente. Assim, é importante refletir sobre as práticas sociais da linguagem, , ou seja, é necessário que se considere o desenvolvimento cognitivo dos alunos e as situações de interação social a que estarão submetidos, uma vez que “as situações didáticas têm como objetivo levar os alunos a pensar sobre a linguagem para poder compreendê-la e utilizá-la apropriadamente às situações e aos propósitos definidos.” (BRASIL 1998, p. 17). É importante que seja dada uma ênfase especial às situações que permitam vivências mais realistas, que possibilitem ao aluno refletir sobre os processos de funcionamento da linguagem relacionando-os ao uso efetivo que ele faz da língua e respaldado em suas concepções de socialização.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

É importante destacar que, de acordo com Cajal (2001), a sala de sala de aula se constitui com uma situação social em que atuam diferentes sujeitos com diferentes culturas e propósitos, o que reafirma o caráter plural desse espaço, que “é construída, definida e redefinida a todo momento, revelando e estabelecendo contornos de uma interação em construção.”(CAJAL, 2001, p.127) Nesse sentido, não foi difícil perceber de que modo os sujeitos analisados se constroem linguisticamente e socialmente a partir dos turnos de fala instituídos durante as aulas, seja na interação aluno-



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

aluno, no estabelecimento de uma relação eminentemente simétrica, seja na interação professor-aluno, marcada por uma relação assimétrica. De acordo com Geraldi (1997, p. 6)

Os sujeitos se constituem como tais à medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como “produto” deste mesmo processo. Neste sentido, o sujeito é social já que a linguagem não é o trabalho de um artesão, mas trabalho social e histórico seu e dos outros e é para os outros e com os outros que ela se constitui. As interações não se dão fora de um contexto social e histórico mais amplo, na verdade, elas se tornam possíveis enquanto acontecimentos singulares, no interior e nos limites de uma determinada formação social, sofrendo as interferências, os controles e as seleções impostas por esta. Também não são, em relação a estas condições, inocentes. São produtivas e históricas, e como tais, acontecendo no interior e nos limites do social, constroem por sua vez limites novos.

Assim, se pode perceber que as relações dialógicas aluno-aluno se dão de forma mais espontânea - como constatado nas situações apresentadas a seguir, principalmente na situação 1, em que os alunos extrapolam o texto e passam a relacioná-lo com situações comuns ao seu contexto social - uma vez que nem sempre se referem a assuntos escolares, basicamente exclusividade das conversas iniciadas e dirigidas pelo professor, que o tempo inteiro se utiliza da estratégia institucional que lhe é peculiar para fazer com que os alunos participem das “conversas” sobre assuntos escolares. Sobre esse aspecto, Fávero et al(2010, p. 99) afirma que

Uma primeira propriedade é a do envolvimento interpessoal dos participantes de um ato conversacional, que os torna coprodutores do texto: suas intervenções se interligam numa produção verbal conjunta. Nesse sentido, a alternância de turnos, pela qual a conversação se realiza, implica uma construção colaborativa, na medida em que a fala de um locutor tem por parâmetro a de seu interlocutor.

Assim, justifica-se a postura da professora que usa de sua ‘autoridade’ instituída para convencer os alunos da importância da participação de todos nas relações interacionais construídas no espaço da sala de aula, com vistas ao desenvolvimento socio-cognitivo dos participantes, como se pode perceber nas situações analisadas a seguir:

Situação 1(10/06/2013 – 01 aula)

Era aula de leitura e escrita e, como estava se aproximando o dia dos namorados, a professora selecionou um texto que tratasse desse tema, uma tentativa de “atrai-los” para a efetiva participação, segundo ela, considerando os postulados dos PCN que destacam a importância de se trabalhar textos que façam sentido no contexto social dos alunos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Inicialmente, ela entregou um texto a cada aluno que ao receberem começaram a interagir entre si, dar risadas, fazer brincadeiras com os colegas, atribuindo a autoria do texto ao pai de colega x, de colega y, tudo isso porque o título era “Pai prevenido: formulário para autorização do namoro”

Nesse momento, a professora interfere na conversa e, aos poucos, direciona as falas não escolares para as falas escolares.

- Por que vocês estão rindo? O que acharam do texto?

(nesse momento um grande silêncio tomou conta de toda aquela algazarra, mas a professora não se deu por vencida e continuou a interagir)

- Vamos, falem, por que se calaram?

(aos poucos eles começaram a falar)

- José Eduardo!?

- O texto é engraçado... parece com o pai da Paulinha

(e a professora continua)

- Por que com o pai da Paulina?

José Eduardo silencia e outro colega toma o turno:

- Por que ele é ‘brabo’ e não deixa ela namorar... deu uma carreira em Tiago...

(todos começam a rir e o barulho toma conta da sala outra vez; uns dão risadas outros falam de assuntos totalmente diferentes, Tiago se irrita e exige que a professora bote ordem naquela ‘bagunça’.

A professora atende ao pedido e aproveita para dar uma ‘lição de moral’ na turma e tenta recomeçar a aula, pedindo que façam uma leitura compartilhada do texto, indicando quem leria o quê. Depois tentou reiniciar a conversa, mas o sinal tocou e ela nem teve tempo de fazer qualquer orientação para o dia seguinte; os alunos saíram imediatamente com o toque)

Situação 2 (12/06/2013 – 02 aulas)

As aulas seriam depois do intervalo. Muita agitação. A professora entra com olhar sério, talvez pela experiência pouco sucedida na aula anterior, e dar início às atividades pedagógicas.

- Hoje eu não quero saber de bagunça na aula, o primeiro que começar com gracinhas eu mando para fora da sala, para a direção! Entenderam? Peguem o texto que receberam ontem e façam a leitura novamente, dessa vez em silêncio!

(Os alunos ‘obedecem’ ao comando da professora e, de fato, nenhum fato da aula anterior se repete, apenas alguns cochichos)

Enquanto isso, ela caminha por entre as carteiras e entrega um novo texto: “Os namorados da filha”(Moacyr Scliar) e pede que leiam também esse texto(Em silêncio!!!)

Alguns minutos depois...

- O que esses textos têm em comum?

- É um assunto que muito interessa a vocês, não é?

(Esboça um discreto sorriso)

- O que têm de diferentes?

- Vamos, minha gente, fale! Quando é pra conversar...

- Qual deles vocês gostaram mais? Por quê?

- Vamos lá, gostaram do formulário?

- Diga aí, João Paulo, já pensou em receber um formulário desses do pai de Carla?(risos tímidos)

(Toda a turma sorri, mas para logo em seguida pelos olhares de censura da professora)

- Que assuntos são abordados no 2º texto?

- Como isso é colocado no texto?

E os alunos vão interagindo, sutilmente, e atendendo exclusivamente as perguntas da professora; basicamente, nenhum extrapolamento do texto.

- Os dois falam de namoro...

- O primeiro é um pai bem ‘carrasco’, igual ao pai de Paulinha (risos contidos) e o segundo, ‘bem liberal’, deixa até a filha levar o namorado pra dormir com ela em casa...parece com a mãe de Ângela...(risos)

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

-Deus me livre, professora!(resposta de João Paulo à pergunta da professora). O pai dela é meu amigo... (risos)

- O primeiro é bom porque é engraçado e o segundo porque eu queria que meu pai fosse desse jeito... ele briga muito comigo...não deixa eu sair, namorar...e eu acho isso errado...

(Poucos entendem o a crítica a esse liberalismo feita no final do texto – um assaltante é confundido com o namorado da filha)

Por fim, a professora pediu para produzirem um texto, abordando a temática discutida. Ela os deixou 'à vontade' para se basearem no texto 1 ou no texto 2, mas a atividade teve de ficar para a próxima aula.

Situação 3(19/06/2012 – 02 aulas)

Após o sinal, a turma aguarda a professora em classe, que entrou cumprimentando os alunos, individualmente, e já pedindo para iniciarem a atividade solicitada na aula anterior. Fez algumas retomadas e todos começam a escrever. Durante a escritura, algumas conversas paralelas, risos, inibidos com veemência pela professora. Também houve alguns comentários sobre os presentes recebidos no Dia dos Namorados, sobre namorar escondido, namoro proibido, mas tudo de forma bem discreta; a professora estava bem atenta e não deu espaço para muita conversa. O tempo inteiro, ela revelava um olhar sério, cara fechada e sinalizando, através de diferentes pistas de contextualização, que não permitiria nenhum tipo de conversa. Era hora de trabalhar!

Nas três situações descritas, fica clara a relação assimétrica estabelecida entre a professora e os alunos. Ela inicia, controla e termina os turnos de fala, mesmo nas situações em que a interlocução se dá entre os colegas. Apesar de todos se articularem em torno do mesmo tópico discursivo, a discussão de um texto como pretexto para a prática de escrita, a professora não permite que as conversas não escolares permeiem o ambiente da sala de aula ou que os textos sejam transportados ao contexto social de cada um, resignificando, desse modo, os sentidos atribuídos. Sobre esse aspecto, Matêncio (2002) afirma que é através do trabalho desenvolvido pela escola que o aluno tem a possibilidade de refletir sobre os processos de funcionamento da linguagem relacionando-os ao uso efetivo que ele faz da língua e respaldado em suas concepções de socialização.

Com exceção do cumprimento individualizado que *Márcia* dispensa aos alunos na situação 3, ela mantém o tempo inteiro uma postura institucional, ficando imperceptível o uso da estratégia de negociação(ela ameaça com muita frequência, o que acaba intimidando os alunos), muito comum nos espaços socialmente marcados pela obtenção de um objetivo coletivo: facilitar o processo de ensino e aprendizagem, como é o caso da sala de aula, ou seja, nas situações observadas “os papéis sociais são adequados a um contexto social em que os direitos são desiguais”(Cajal 2001, p. 150)

De acordo com Gumperz (2002, p. 152), num evento interacional, “As pistas de contextualização são todos os traços linguísticos que contribuem para a sinalização de pressupostos contextuais.” Nesse sentido, é possível



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

perceber que os alunos parecem conhecer muito bem as pistas de contextualização utilizadas pela professora (gritos, ameaças, cara fechada, olhar firme), considerando a postura que assumiram após serem ‘ameaçados’ de se explicar na direção da escola: o silêncio instaurado, riso contidos, cochichos (Situação 2).

É importante perceber que a professora não estabeleceu nenhum roteiro formal na elaboração das questões direcionadas aos alunos, embora, segundo ela mesma, prime pela interação durante as aulas, já que considera primordial para o desenvolvimento da competência linguística dos alunos. É perceptível que as abordagens não tinham muita sustentação, o que pode ter contribuído para a dispersão dos sujeitos envolvidos. Outra consideração importante diz respeito ao número de participantes, poucos alunos participam efetivamente, embora de forma tímida, dos eventos de interação propostos pela docente. A maioria permaneceu em silêncio e não procurava se envolver ou ficar atenta às ‘solicitações’, apesar de se tratar de um assunto de interesse dos jovens adolescentes e, nesse sentido, a professora poderia ter explorado de modo mais produtivo essa questão, deixando que os próprios alunos conversassem livremente sobre o texto até chegarem aos tópicos desenvolvidos por Moacyr Scliar. Possivelmente, isso proporcionaria excelentes momentos de interação entre professor-aluno e/ou aluno-aluno.

Logo, considerando que a professora faz questão de colocar em prática o poder a ela conferido, já que suas falas são muito frequentes e incisivas, é importante destacar que dentro desse processo interacional, as relações de dominação e submissão (simetria e assimetria) expressas pelas pistas de contextualização da professora, verbais e não verbais, e pela reação dos alunos a essas pistas, (permanecem em silêncio a maior parte do tempo em que a professora fala) ocupam espaços bem demarcados e distintos na sala de aula, uma vez que determina como se dará essa interação, de que modo e em que momento deverá ser concluída, seguindo, evidentemente, o roteiro estabelecido pelo professor.

A forma como foram conduzidas as perguntas sobre os textos em nada contribuía para a atribuição de sentidos pelos alunos, todas as perguntas tinham um foco estruturalista, decodificador. Para Silva (2004), a interpretação de um texto deve se fundamentar em hipóteses, resultantes das relações que se vai estabelecendo desde o início da leitura entre os elementos não verbais, as palavras, as frases e todas as informações que ele possa trazer ou suscitar. Esta atividade está diretamente relacionada à predição, que consiste em antecipar o sentido do texto, eliminando previamente hipóteses improváveis. Mas, apesar da formação profissional, a professora não demonstrou essa aptidão para acionar os conhecimentos ‘ditos e presumidos’ pelos alunos sobre o assunto.



Diante do exposto, de acordo com Cajal (2001), é importante considerar que a sala de aula precisa ser entendida como um ambiente social propício à ampliação dos conhecimentos e, por consequência, a linguagem, uma atividade social, construída na interação com o outro e, desse modo, são necessárias situações em que os sujeitos possam interagir, trocando experiências diversas, culturais, sociais e cognitivas, o que contribuirá de forma significativa para que os sujeitos envolvidos possam construir, adquirir e partilhar conhecimentos, o que não ocorreu nas aulas observadas. A professora se limitou a impor o silêncio e a ordem, tirando a oportunidade das trocas de turnos e das discussões, características das interações face a face em sala de aula.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa, procuramos discutir como os sujeitos se constituem e desenvolvem sua competência linguística e social a partir das práticas interativas desenvolvidas pela escola. Consideramos que, no espaço da sala de aula, a interação pode caracterizar-se como um processo de socialização e aprendizagem dos alunos e que são necessários estímulos diversos para que essas aprendizagens se efetivem. A partir de uma observação cuidadosa, buscamos compreender os modos de organização da interação face a face, as pistas contextuais utilizadas para marcar os turnos de fala, as relações de poder e os papéis sociais construídos, negociados e desempenhados pelos diferentes sujeitos envolvidos no processo interacional.

Em face das observações feitas em sala de aula pode-se dizer que a relação assimétrica ocupa lugar preponderante na interação professor-alunos, embora sejam teoricamente considerados importantes (professor e alunos) para o alcance dos objetivos pretendidos no processo de ensino e aprendizagem. Outrossim, ficou evidente que há um certo descuido quanto às práticas orais em sala de aula, uma vez que a pouca incidência da oralidade é sempre submetida à supervisão do professor. As falas espontâneas ocorrem em poucos momentos da aula, na relação aluno-aluno, simétrica, e nas conversas sobre assuntos não escolares.

É importante destacar que as reflexões aqui apresentadas não se esgotam, e que almejamos contribuir para que outras discussões sejam suscitadas e, principalmente, que os professores de língua materna que tenham acesso a essa leitura possam refletir sobre sua postura quanto às práticas pedagógicas desenvolvidas na sala de aula, incluindo em sua reflexão os postulados da Sociolinguística Interacional.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília, MEC/SEF 1998.

CAJAL, Irene Baleroni. A interação de sala de aula: como o professor reage às falas iniciadas pelos alunos? In: **Cenas de sala de aula**. COX, Maria Inês Pagliarini; ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de (orgs.). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

FÁVERO, Leonor Lopes. Interação em diferentes contextos. In: BENTES, Ana Christina; LEITE, Marli Quadros (orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GUMPERZ, John J. Convenções de Contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.) **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A interação pela linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, L.A. **Compreensão de texto: algumas reflexões**. In: DIONISIO, A. P.; BEZERRA, M.A. (Org.). O livro didático de Português: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

_____. **A análise da conversação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

SILVA, S. R. da. **Leitura em Língua Materna na Escola: por uma abordagem sócio interacional**?. Campinas: UNICAMP, 2004.